



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANA CLÁUDIA CARVALHO DA SILVA**

**O USO DAS ERVAS MEDICINAIS E A ORGANIZAÇÃO FEMININA NA  
ALDEIA DE AÇAIZAL DO POVO MUNDURUKU DO PLANALTO  
SANTARENO**

**SANTARÉM  
2025**

**ANA CLÁUDIA CARVALHO DA SILVA**

**O USO DAS ERVAS MEDICINAIS E A ORGANIZAÇÃO FEMININA NA  
ALDEIA DE AÇAIZAL DO POVO MUNDURUKU DO PLANALTO  
SANTARENO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Ciências Humanas, para obtenção do grau de Licenciatura em História: Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação.

Orientadora Profa. Dra. Isabel Teresa Creão Augusto

Coorientador Prof. Me. Abimael Munduruku

**SANTARÉM  
2025**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

S586u

Silva, Ana Cláudia Carvalho da

O uso das ervas medicinais e a organização feminina na Aldeia de Açaizal do Povo Munduruku do Planalto Santareno./ Ana Cláudia Carvalho da Silva. – Santarém, 2025.

37 p.: il.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Isabel Teresa Creão Augusto.

Coorientador: Abimael Munduruku.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.

1. Remédios caseiros. 2. Organização feminina. 3. Conhecimentos tradicionais. I. Augusto, Isabel Teresa Creão, *orient.* II. Munduruku, Abimael, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 305.48098115

---

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440

## **IN MEMORIAM**

A todos que contribuíram para a minha formação pessoal, que permitiram chegar a este momento, em especial a minha querida mãe, Creusa Sousa Carvalho, a mulher que me deu a vida, que cuidou de mim, que me deu carinho, e me ensinou a ser forte e não desistir diante das dificuldades.

Em reconhecimento do seu amor incondicional e de uma mulher guerreira que através de seus ensinamentos com medicina tradicional que me inspirou a fazer este trabalho. Embora esta pessoa tão maravilhosa não esteja presente de maneira corpórea, sinto sua presença todos os dias quando em meus momentos de aflições lembro dos seus ensinamentos que vem deles, todo meu esforço, força, coragem e determinação para seguir em frente. O amor, saudade se reflete em gratidão eterna minha mãezinha.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que foi minha fonte de força e inspiração durante toda a elaboração deste trabalho, por me ajudar ultrapassar todos os obstáculos ao longo do curso.

Agradeço meu amado esposo Francisco Vanderlei, por ser meu porto seguro, meu incentivador e meu maior apoio, agradeço pela sua paciência por ter estado sempre ao meu lado nos momentos de alegria e de dificuldade.

Agradeço também toda minha família, em especial meus pais Valdo Pereira Carvalho e Creusa Sousa Carvalho, aos meus irmãos, aos meus filhos, Rodrigo, Ana Cristina, Ana Karine e Vitor Heitor, gratidão ao meu amigo Edmar Monteiro de Jesus, pelo apoio e incentivo durante o curso.

Agradeço minha Aldeia Açaizal, as lideranças em especial o Cacique Josenildo dos Santos da Cruz, agradeço a coordenadora da associação indígena, Maria Alves em nome de todas as mulheres da aldeia, minha imensa gratidão ao senhor José Xavier da Silva que transferiu seus conhecimentos e ensinamentos desde do início da minha trajetória dentro da aldeia, obrigado a todos que contribuíram com informações para meu trabalho.

Por fim gostaria uma agradecimentos na perspectiva da importância das ações afirmativas nas universidades públicas. E assim começo os meus agradecimentos para os meus orientadores, a orientadora professora Dra. Isabel Teresa Creão Augusto por ter me orientado desde o início do meu TCC, pela paciência e por ter sido minha professora ao longo do curso. Minha profunda gratidão ao meu coorientador, professor e Me. Raimundo Abimael Ferreira dos Santos (Abimael Munduruku) por sua orientação foi crucial para que eu pudesse concluir minha pesquisa, obrigado pela sua paciência, pelo incentivo que me proporcionou, pelo sua valiosa orientação e suporte durante todo processo.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância das ervas medicinais e a transferência dos saberes tradicionais por meio de oficinas de remédios caseiros através da organização feminina indígena na Aldeia Açaizal do povo Munduruku do Planalto. A pesquisa foi realizada através da autoetnografia da pesquisadora, e tendo também como fontes o Protocolo de Consulta e o Plano de Gestão do território Munduruku do Planalto. O trabalho aborda o emponderamento e organização feminina da mulher indígena Munduruku, na aldeia Açaizal, destacando a valorização do conhecimento tradicional através dos remédios caseiros, que também faz parte como uma fonte de renda para as famílias da aldeia.

**Palavras-chaves:** Remédios caseiros; organização feminina; conhecimentos tradicionais.

## **ABSTRACT**

This study aims to present the importance of medicinal herbs and the transfer of traditional knowledge through homemade medicine workshops organized by indigenous women in the Açaizal village of the Munduruku do Planalto people. The research was conducted through the researcher's autoethnography, also drawing upon the Munduruku do Planalto Consultation Protocol and Territorial Management Plan as sources. The work addresses the empowerment and female organization of Munduruku indigenous women in Açaizal village, highlighting the valorization of traditional knowledge through homemade remedies, which also serve as a source of income for the village families.

**Keywords:** Homemade remedies; female organization; traditional knowledge.

## **LISTA DE SIGLAS**

AIASF Associação Indígena Açaizal Sagrada Família

CIP Conselho Indígena Planalto

CITA Conselho Tapajós e Arapiuns

CIMI Conselho Indigenista Missionário

CPT Comissão Pastoral da Terra

FUNAI Fundação Nacional dos Povos Indígenas

GCI Grupo Consciência Indígena

STTR Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - mapa do território indígena Munduruku do Planalto.....	Pag. 09
Figura 2 - Reunião das lideranças das aldeias.....	Pag. 18
Figura 3 - Auto demarcação do território indígena.....	Pag. 20
Figura 4 - Remédios da primeira oficina março de 2010.....	Pag. 26
Figuras 5 e 6 - Pomadas milagrosas.....	Pag. 29
Figura 7 e 8 - Garrafadas.....	Pag. 30
Figura 9 - Xarope.....	Pag. 30
Figuras 10 e 11 - Farmácia de remédios tradicionais Aldeia Açaizal.....	Pag. 31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. MEMORIAS DE UMA PESQUISADORA MUNDURUKU.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Envolvimento direto da historiadora na organização social da Aldeia..</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Desafio de mulher Munduruku na Universidade.....</b>	<b>17</b>
<b>3. ORGANIZAÇÃO FORMAL E ÉTNICA DO TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DAS ALDEIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Conselho dos Munduruku e Apiaká .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Organização da Associação Indígena Sagrada Família da Aldeia Açaizal.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3 Organização Feminina Indígenas da Aldeia Açaizal No Planalto.....</b>	<b>22</b>
<b>4. ESTRATEGIA POLÍTICAS DAS MULHERES MUNDURUKU POR MEIO DAS OFICINAS DE REMÉDIOS TRADICIONAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 A economia que transita entre saberes ancestrais dos Munduruku....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	
<b>APÊNDICE.....</b>	



famílias possuem uma diversidade de plantas em seus quintais e fazem o cultivo das ervas para remédios caseiros.

Os saberes e fazeres tradicionais com as plantas medicinais são essenciais para as famílias no tratamento das enfermidades como a cura dos problemas digestivos até as doenças mais sérias. O conhecimento adquirido da ancestralidade do povo Munduruku de Açaizal, essa valorização com remédios caseiros não é só por respeito aos mais velhos, pajé, benzedeiros, e sim porque sentimos a necessidade do uso com as ervas, tanto para fazer os remédios, quanto para fazer banhos e defumação para purificar e fortalecer nosso corpo. Conforme Vaz, “são considerados os doutores da floresta”.

Dentro do território do povo Munduruku e Apiaká, esse conhecimento acerca das plantas medicinais desempenha um papel fundamental, não só apenas na saúde física e espiritual das aldeias, mas também como um patrimônio cultural inestimável. Dentro da aldeia Açaizal, as práticas dos remédios tradicionais são mantidas vivas não só pela transmissão de conhecimentos, mas também por colaboração de organizações externas, através de políticas públicas, que nos ajudam a preservar e promover o uso sustentável das plantas medicinais.

Nós moradores da aldeia Açaizal fomos surpreendidos com a chegada do agronegócio nos limites do nosso território, cercado por plantação de soja, e cada ano que passa sofremos com a quantidade de veneno que prejudica a saúde dos moradores, que afeta as plantações e nossos igarapés. Moramos nessas terras há muitos anos e não vamos sair porque aqui é nosso território, um lugar sagrado, e vamos resistir a qualquer ameaça que venha nos intimidar. Aqui criamos nossos filhos, de onde tiramos nosso sustento, aqui plantamos, colhemos, pescamos e caçamos.

A aldeia Açaizal tem aproximadamente 70 famílias e quase todas possuem áreas de roçados onde fazem suas plantações. O que mais é plantado é a mandioca, depois vem a batata-doce, jerimum, cará, macaxeira, maxixe, feijão e outros produtos que são consumidos na aldeia. Não poderia deixar de citar aqui que o produto mais extraído pelos indígenas e que mais ajudava no sustento das famílias era o açaí; mas hoje quase não tem devido a tanto veneno

que sai das plantações de soja. Com a chegada da soja, a Aldeia de Açaizal sofreu um grande impacto ambiental.

A Aldeia Açaizal tem uma escola polo (*Wapurum tip*), que significa Açaizal, que atende outras escolas e funciona do ensino pré-escolar ao ensino médio. No aspecto religioso, possui uma igreja católica e uma igreja evangélica; além disso tem dois campos de futebol, um barracão comunitário e uma farmácia de remédios caseiros. Quanto a organização formal, a aldeia tem uma associação indígena registrada em cartório.

Para esta pesquisa, utilizei a metodologia da Autoetnografia<sup>1</sup>, para analisar a importância das ervas medicinais e a organização feminina na aldeia Açaizal do povo Munduruku, destacando a contribuição das mulheres Munduruku e o fortalecimento do grupo de guerreiras a partir da realização de oficinas de remédios caseiros de uso tradicional utilizados pelos indígenas para a cura de doenças na aldeia.

De início, a ideia era fazer a pesquisa através de entrevistas com outras participantes, mas durante o processo muitas mulheres se recusaram a ser entrevistadas e por algumas vezes me indagaram “por que você mesma não conta, você participou”. Assim cheguei à autoetnografia, realizando o trabalho por meio da minha própria experiência, o que abriu um caminho muito amplo, mas ao mesmo tempo confuso. O que devo falar? Será que consigo lembrar das coisas mais importantes que aconteceram?

Então as leituras sobre memória me ajudaram a entender que, mesmo sendo eu escrevendo minha história, não quer dizer que não poderia conversar com outras pessoas (Leal, 2012, p. 3). Minhas lembranças também fazem parte de um coletivo, nenhuma memória pode existir apartada. Importante destacar que a memória conserva informações que contribuem para que o passado não seja esquecido, ela nos ajuda a capacitar e atualizar impressões e informações

---

<sup>1</sup> La autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura que busca describir y analizar sistemáticamente (grafía) experiencias personales (auto) para entender la experiencia cultural (etno) (Ellis, 2004; Holman Jones, 2005). Esta perspectiva reta las formas canónicas de hacer investigación y de representar a los otros (Spry, 2001), pues considera la investigación como un acto político, socialmente justo y socialmente consciente (Adams & Holman Jones, 2008). El investigador usa principios de autobiografía y de etnografía para escribir autoetnografía. Por ello, como método, la autoetnografía es ambas: proceso y producto.

passadas que se eternizam na nossa consciência, assim a memória se torna importante para a construção do saber histórico (Leal, 2012, p. 3).

Considerando a importância da cultura indígena para mim, é muito relevante deixar registrado a história de nossas aldeias. Eu como estudante indígena estou me apropriando dos saberes da universidade para construir uma história escrita das comunidades indígenas, já que são poucos trabalhos feitos por indígenas sobre os povos indígenas.

A primeira oficina ocorreu no período de 08 a 12 de março de 2010, e os organizadores desse evento foram as lideranças das aldeias do território Munduruku/Apaiká do Planalto, Tapajós e Arapiuns, em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), representado pelo Frei Amarildo, sendo a aldeia Açaizal a anfitriã. O Frei Amarildo teve a função de interlocutor dos diálogos intercultural, inter-religioso e ecumênico.

É importante deixar claro que uso das ervas sempre existiu entre as famílias Munduruku, os saberes tradicionais fazem parte do nosso cotidiano e que as oficinas são para o fortalecimento etnocultural. Conforme os autores indígenas Vaz (2016), Luciano (2006), Barreto (2021) e Krenake (2020), destacam em suas obras, a transferência dos saberes ocorrem por meio das experiências entre os mais velhos para os mais novos. Entre os povos indígenas, este ato continuou e está ligado ao cotidiano das pessoas. No caso dos Munduruku vivido por todos, minha mãe fazia xarope, chá e outros tipos de remédio para os membros de nossa família e outras pessoas que solicitavam. O conhecimento com as plantas sempre esteve presente no cotidiano das pessoas que valorizam a medicina caseira na aldeia.

Com as oficinas, além dos conhecimentos houve uma organização por partes das mulheres indígena. Essa organização se fortalece quando aldeia do Açaizal recebe um grupo de mulheres de outras aldeias da região do Tapajós e Arapiuns, em 2010, para uma semana de oficina de troca de saberes sobre as plantas medicinais e sobre a preparação de remédios caseiros. A primeira parte do encontro foi para a valorização dos conhecimentos das mulheres Munduruku, Tupinambá, Borari e Arapiuns sobre a biodiversidade; dois dias foram para coletar as ervas; no dia seguinte foi feita a divisão dos grupos e a preparação dos remédios.

Foi uma semana de aproveitamento e valorização do conhecimento da medicina caseira, no último dia foi apresentação dos produtos produzidos, noite cultural, e danças. O interesse das mulheres se tornou grande, pois além de produzirem para consumo já estão produzindo para a comercialização, uma fonte de renda que ajuda na sustentabilidade de algumas famílias.

Esses dias foram muito importantes para mim: além de conhecer parentes indígenas, consegui aprender fazer vários remédios, sendo que eu já sabia fazer xarope e garrafada. Nesta semana os produtos mais produzidos foram garrafadas, xarope, pomada milagrosa, sabonetes íntimos, sabão líquido, sabão em barra, pílula para vermes e caxiris de diversas frutas. Eu fazia parte de vários grupos e ajudava na organização. Se faltava algum material procurava alguém para providenciar.

## **2. MEMORIAS DE UMA PESQUISADORA MUNDURUKU**

Entendendo a importância do lugar de fala de uma pesquisadora indígena, proponho aos leitores este momento para contar minha própria história. O objetivo é analisar os desafios que nós mulheres Munduruku buscamos superar, para ocupar alguns espaços na sociedade em geral. Conforme Cardoso (2022), alude no processo de protagonismo da mulher indígena na região do Baixo Tapajós, esta vivência cultural nos possibilita contato com as ervas medicinais e conhecimentos tradicionais que devem estar nos trabalhos acadêmicos elaborados por uma mulher Munduruku que estuda História.

Nasci 23 de janeiro de 1980, em uma cidade chamada Frecheirinha estado do Ceará. Saímos do estado do Ceará em 29 de setembro e chegamos na comunidade Açaizal do povo Munduruku<sup>2</sup> em 3 de outubro de 1983. Viemos

---

<sup>2</sup> Este documento nasceu da necessidade de nós indígenas Munduruku e Apiaká do planalto estabelecermos critérios formais criados a partir de direitos previstos legalmente para sermos consultados na hipótese de viabilidade de planos e projetos que possam pôr riscos a vida e a cultura das famílias que vivem nas aldeias. (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2017, p. 3) Nossa população atual também é composta por imigrantes nordestinos que vieram em busca de terra para sobreviver. Muitos destes fugiram da seca e dos mandos e humilhações de patrões e com a ajuda dos nossos antepassados indígenas, que encontraram aqui essas famílias puderam conhecer a terra e se adaptar a sua realidade, já que a cultura indígena sempre foi aquela com maior capacidade de conviver com a floresta e com os rios. Aqui as famílias se uniram seja por casamento, compadrio e afinidades para o trabalho e depois de termos passados tantos anos e tantos desafios juntos, somos hoje um só povo, o que nos une é o sangue, mas também o propósito de valorizarmos a nossa cultura e o nosso jeito de viver junto em harmonia com este território. (Plano de Gestão e Uso d Território Indígena Munduruku do Planalto, 2020, p. 11)

a convite de meus avós paternos, que já residiam há mais de dois anos na comunidade de Açaizal. Os desafios eram enormes para meus pais, que tiveram que viajar com duas crianças (eu com 3 anos e meu irmão com 8 meses de idade) e para chegar aonde moravam meus avós caminhamos 6 quilômetros a pé. Fomos morar com meus avós na casa de um senhor chamado Pedro Leite, onde passamos uns dois anos; em seguida tivemos que sair, meus avós foram morar na casa de senhor conhecido por Zé Boteco e eu com meus pais e meu irmão passamos a residir na casa do senhor Juarez, onde ficamos por 3 meses e votamos a morar novamente com meus avós.

Quando chegamos na comunidade de Açaizal, meu pai chorava muito porque não conhecia ninguém. Se sentia desanimado, quis retornar para o Ceará mas não tinha recursos. Começou a fazer amizades com algumas famílias e as coisas passaram a melhorar. Uma das maiores preocupações dos meus pais era encontrar trabalho, foi então que vimos que tinha bastante açaí e as pessoas tiravam para vender. Então eu, meu pai e minha mãe passávamos o dia no igapó tirando açaí; no outro dia meu pai vendia e fazia compras. Não era muito o dinheiro mais já ajudava muito.

Outra forma de renda que tinha naquela época era a fibra da malva, e muitas famílias se sustentavam com venda da semente e a fibra. Além de conseguir algum dinheiro trabalhando com a fibra e o açaí, meus pais conheceram uma senhora chamada Maria do Horácio que passou ajudar: eles trabalhavam durante a semana toda e quando chegava o dia do pagamento meus pais ainda estavam devendo, pois pegavam arroz, feijão, galinha, farinha para se manter durante a semana era uma espécie de troca de trabalho por mercadoria.

Em 1987, meu pai conseguiu trabalhar em uma fazenda do senhor Darlan, foi então que ele conseguiu compra um terreno de 9 metros por 50. Entrou no mato e tirou madeira, varas, e construiu uma casa de taipa<sup>3</sup>, e cobriu de cavaco já usado que estava velho. Quando chovia a gente procurava um lugar pra não se molhar pois tinha muitas goteiras.

---

<sup>3</sup> É uma antiga técnica que é feita de madeira no formato de grade e se enche de barro úmido socado em moldes

Com tanto sofrimento, como meu pai mesmo disse, conseguimos uma casa que podemos dizer que é nossa. Eu percebia a tristeza no olhar de meus pais que muitas vezes não tinha o que comer, então no final do dia papai pegava uma lanterna e facão e saía pro igarapé matar peixe, traíra e cará, duas espécies de peixe, quando ele chegava já era noite e minha mãe fazia nosso jantar. Às vezes as crianças já estavam dormindo, mesmo assim ela acordava, e todos se sentavam ao chão em uma roda e era uma felicidade porque nessa noite sabíamos que não iríamos dormir com fome.

Meus pais trabalhavam em terras que alguns moradores, eles eram uma espécie de meeiros, uma forma de parceria com o dono da terra. As colheitas das plantações do arroz, milho, feijão e mandioca eram divididas em partes iguais. Na maioria das vezes, meu pai trabalhava sozinho na roça porque minha mãe costumava lavar roupa, limpar o quintal de algumas famílias para receber uma quantia, e muitas vezes mamãe trabalhava em troca de alimentos, era uma forma que eles encontravam para que não vê os filhos passar fome.

Com o passar dos anos, meu pai começou a trabalhar em fazenda, cuidar de gado, fazer cercas, plantar capim e roçar mato dos pastos, e foi assim que foi melhorando a situação financeiras da minha família, em 2000 meus pais conseguiram construir uma nova casa de madeira com cobertura de telhas no mesmo terreno que era a casa de taipa.

## **2.1 Envolvimento direto da historiadora na organização social da Aldeia**

Sempre fui participativa nos eventos que aconteciam na aldeia. Inicialmente não ocupava nenhum cargo de relevância, mas conforme o tempo foi passando, fui ficando nos radares de muitos moradores e lideranças que vislumbravam minha participação para a ocupação de cargos. Cheguei a ocupar em um determinado período quatro cargos em atividades distintas.

Enfrentei vários desafios atuando na organização social da aldeia: no primeiro momento, assim como outras pessoas, tive que superar a timidez de falar em público. Este medo muitas vezes me causou indagações sobre a minha capacidade de expor um assunto para outras pessoas. Contudo resisti e enfrentei esse temor de conseguir superar as adversidades e me tornar uma

mulher à frente de várias coordenações, sendo uma líder do povo Munduruku da Aldeia Açaizal.

Meu primeiro engajamento foi com a igreja. Com 10 anos de idade, comecei a fazer a preparação de Primeira Eucaristia; aos 15 anos fiz formação para Crisma, e assim fui incluída nas atividades internas da igreja. Seu José Xavier era quem me orientava e incentivava a ter um engajamento no meio da sociedade e fazer parte de uma equipe de preparação eucarística. Em 2000, fui escolhida como coordenadora da igreja e fiquei até 2015, estando por 15 anos à frente na coordenação da igreja Sagrada Família.

Concomitante a função na igreja, estive como delegada sindical entre 2000 e 2013. Fui escolhida em uma reunião com vários participantes para assumir o cargo de Delegada Sindical do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR). O acúmulo de dois cargos demonstra o quanto fui aguerrida até transferir para outra mulher esse bastão de compromisso, não por incompetência, mas por entender a importância da mulher indígena em ocupar os espaços acadêmicos.

Além desses dois cargos, em 2010 fui escolhida pela aldeia para ser secretária da Associação Indígena Sagrada Família (AIASF) por um período de três anos, e de 2013 a 2016 fui eleita para coordenação da mesma associação. E com a criação do Conselho do Munduruku e Apiaká do Planalto, em 30 de maio 2014, fui escolhida como secretária.

Muitas mulheres, antes de mim, já precisavam vencer desafios para conseguir ter cargos importantes. Quando eu trabalhava, poucas mulheres estavam em lugares de destaque em trabalhos sociais. As poucas que estavam, sempre se revezavam nos mesmos grupos de coordenação. Isso acontecia porque muitas mulheres não conseguiam pegar esses cargos, por causa de várias dificuldades. As poucas que continuavam tentando, faziam um esforço enorme para dar conta, e elas só trocavam de cargo entre si. Não é que não existiam outras mulheres interessadas, mas sim que as dificuldades não deixavam elas irem para outros lugares. As maiores dificuldades que elas contavam eram a falta de dinheiro, pois o pouco que ganhavam mal dava para sustentar a família; a vida de casal, já que muitas vezes os maridos não deixavam elas participarem das atividades sociais; a questão dos filhos

pequenos, pois às vezes tinham crianças pequenas e não tinham com quem deixar; e o medo de falar em público, com a timidez sendo tanta que muitas vezes elas se sentiam incapazes de assumir qualquer compromisso.

## **2.2 Desafio de mulher Munduruku na Universidade**

Ainda falando de resistência e luta por espaços, tive que traçar outros caminhos o que me levaram a tentar a universidade. Em 2015, prestei o processo seletivo especial indígena na Ufopa e conseguir passar, só retornando aos finais de semana para aldeia, o que não conciliava com as reuniões, mas sempre que dava eu estava presente.

Conforme os autores Pereira e Martes, os “maiores motivos que levam as mulheres indígenas saírem da aldeia para cidade, é a falta de oportunidade de trabalho e o grau de escolaridade insuficiente” (2020, p. 03). Esses foram dois dos motivos que me levaram sair da minha aldeia e vir para a cidade, e quando chegamos enfrentamos vários desafios: moradia, alimentação, clima, e muitas vezes o preconceito social. Para a sociedade, ser indígena corresponde um estereótipo de cabelo liso, olhos puxados; sem esse estereótipo não somos considerados indígenas.

Os desafios em relação a língua materna são inúmeros. Por não dominar a língua Munduruku fluentemente, tive que buscar conhecer com mais afinco tendo em vista que fui morar com parentes indígenas Munduruku do alto e Médio Tapajós, de Jacareacanga e Itaituba, fluentes da língua materna. Ainda que compartilhemos a mesma etnia, o diálogo era um pouco difícil porque às vezes eles falavam entre si e me sentia perdida no meio deles. Nossa morada coletiva foi centro indígena Maíra, coordenado no período pelo Frei Florencio Vaz de Almeida, foi o meu primeiro lar quando cheguei na área urbana de Santarém.

Estes desafios iniciais de certa forma foram bons para que me preparar e encarar o mundo e buscar a conviver com os demais parentes. Fiz amizade com a parente Alcione Munduruku, fomos morar juntas e ela me ajudava traduzir algumas palavras. Logo em seguida, em 2015, fiz um curso da língua Munduruku. As dificuldades não resumiam só a esses desafios, não foi fácil, mas conseguir superar.

### 3 - ORGANIZAÇÃO FORMAL E ÉTNICA DO TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DAS ALDEIAS

Nós, indígenas Munduruku do planalto, moramos em nosso território durante muitos anos sem preocupações com nossas terras. Então os anos 2000, os plantadores de soja começaram aparecer na aldeia Açaizal, trazendo vários problemas e tirando a tranquilidade dos moradores. Eles chegam dizendo ter comprado as terras de alguns fazendeiros antigos, apresentando documentos dizendo ser os títulos de suas terras, mas sempre há dúvidas sobre a legitimidade destes documentos. Este mesmo processo de constrangimento aconteceu com as comunidades quilombolas vizinhas das aldeias, que da mesma forma são ameaçadas pelas fazendas.

A partir daí começamos a nos organizar e reivindicar nossos direitos criando nossas próprias associações, tendo um papel mais formal junto aos órgãos públicos. O processo de organização das aldeias se deu através de várias reuniões, realizações de oficinas sobre costumes e sobre os direitos indígenas. Muitas lideranças participaram de vários momentos de formação fora das aldeias, e dentro das universidades de Santarém e estão em diálogo com outros movimentos sociais, em busca soluções para proteger seus territórios, ganhar autonomia e respeito com os povos que habitam nesta região.

Figura 2 – Reunião das lideranças das aldeias.



*Figura 53 - Reunião das lideranças das quatro aldeias. Foto: Gilson Rêgo.*

Foto: Oceypi ekawên História da nossa terra Gilson Rego (2016, p.76)

O movimento indígena foi impulsionado inicialmente pelo GCI, e logo após pelo Conselho Indígena dos Rios Tapajós e Arapiúns (CITA), que surgiu em 2000, e promoveu o reconhecimento dos indígenas do Baixo Tapajós pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). (Figueiredo, 2012, p. 297).

Neste período, as aldeias de Açaizal, Amparador, Ipaupixuna e São Francisco da Cavada começaram a ganhar forças pois tinham como aliados todos esses parceiros mencionados acima. Um parceiro muito importante que tem contribuído com o processo de regularização do território do planalto é a CPT (Comissão e Pastoral da Terra), que a pedido das lideranças tem feito um trabalho muito proveitoso. Eles se concentraram de início preparando as lideranças através de formação e fortalecimentos políticos das aldeias e buscando parcerias para dar visibilidade aos problemas vividos pelas famílias, e ao mesmo tempo fazem cobranças junto ao Ministério Público Federal, Funai para que haja uma apuração nas denúncias e que sejam agilizados o processo demarcatório do território indígena.

Os Munduruku estão se organizando em favor do reconhecimento de sua identidade étnica e território desde a primeira metade dos anos 2000 e vem provocando a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para regularização dos estudos de identificação do território indígena. Somente em 2018 por pressão de uma ação civil pública impetrada pelo ministério público federal (MPF) foi criado um grupo multidisciplinar por meio da portaria n. 1.387, de 24 de outubro de 2018 para realizar os estudos de identificação e delimitação do território dos indígenas Munduruku no planalto Santareno. (Silva, Cardoso, Silva. p. 254).

Os caciques junto com outras lideranças das aldeias passaram a discutir a necessidade de uma equipe que represente todas as aldeias do planalto junto aos órgãos públicos. As demandas das aldeias são sempre específicas, então com várias reuniões decidiram criar um conselho para representar todo território, esse conselho foi criado em 2014, para representar as aldeias do planalto, e junto com outros conselhos indígenas locais somar forças para resolver problemas enfrentados pelas aldeias, interessante que nas organizações políticas das aldeias é a participação feminina e de vários jovens, inclusive na composição do conselho.

Os Munduruku e os Apiaká realizaram um processo de auto demarcação em parceria com a comissão e pastoral da terra(CPT) e o projeto nova cartografia social da Amazônia (PNCSA), e de construção o protocolo de consulta dos povos indígenas Munduruku e Apiaká do

planalto santareno, lançado em março de 2017. O protocolo tem como objetivo estabelecer os critérios formais criados a partir dos direitos previstos legalmente para serem consultados na hipótese de viabilidade de planos ou projetos que possam por em riscos a vida e a cultura das famílias que vivem nas aldeias (Munduruku e Apiaká do planalto 2017: 3). (Silva, Cardoso, Silva. p. 269).

Mais de 20 lideranças das quatro aldeias fizeram uma reunião em agosto de 2015, em dois dias, junto com um técnico para coordenar os territórios indígenas, esse trabalho de demarcação gerou um mapa que tem servido para definição dos limites, para apresentar a Funai o tamanho do território ocupado e planejado. Este processo de organização das aldeias tem chamado bastante atenção das pessoas que ocupam os órgãos públicos principalmente os órgãos que tratam da questão indígena. Atualmente os indígenas do planalto são reconhecidos pela sua capacidade organizativa e por sua luta, pela demarcação do território e por seus direitos.

Figura 3 – Auto demarcação do território indígena.



Foto: Gilson Rego. (2016, p.89)

Sabemos e temos a consciência que não será fácil pois as orientações políticas dos governos são de dificultar cada vez mais os pleitos indígenas e das demais populações tradicionais. O avanço da soja no planalto principalmente na aldeia Açaizal é uma das maiores preocupações dos moradores na aldeia, assim os conflitos tendem a se intensificar e se estender por vários anos, as lideranças

tem se preparado para essa luta, em vários momentos de encontros tanto com os órgãos públicos, entre as próprias aldeias e com um posicionamento firme de diversas lideranças, sabemos da necessidade de se organizar para enfrentar aqueles que buscam ocupar nossas terras, também sabemos da importância de avançar politicamente para pressionar o poder público a reconhecer oficialmente o seu direito ao território.

No âmbito de representatividade passo a apresentar a figura formal da aldeia Açaizal.

### **3.1 Conselho dos Munduruku e Apiaká**

O Conselho do povo Munduruku e Apiaká do Planalto foi aprovado na aldeia Amparador em 30 de maio 2014. Esse conselho foi criado após várias discussões entre caciques e lideranças, que sentiram a necessidade de um grupo que representasse todas as aldeias do território Munduruku e Apiaká do Planalto. Atualmente o conselho tem uma nova diretoria executiva eleita por votação em assembleia em 13 de janeiro de 2024, e encerrando 13 de janeiro de 2027, com o mandato de três anos.

O objetivo desse conselho é conservar e garantir a proteção do território promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais, protegendo os lagos, as plantações e combatendo algumas irregularidades, como a extração de madeira e minérios. E como instrumento de ação e resultado de um trabalho coletivo e participativo do povo indígena Munduruku e Apiaká do Planalto, eles tiveram a iniciativa da criação de um Plano de Gestão e uso do território e o Protocolo de Consulta, que nasceu através de diálogo entre os órgãos público e a interculturalidade entre os Munduruku.

O Plano de Gestão, foi elaborado entre os indígenas, Caciques, Pajés, Tuxauas, Curandeiros, Homens, Mulheres, e jovens, das Aldeias, Açaizal, São Francisco da Cavada, Ipaupixuna, Amparador, e São Pedro do Palhão, foram várias etapas de aprovação em diversos momentos com a participação de mais de 30 pessoas de cada Aldeia, os encontros ocorreram em 2018 e 2019 e aprovado em 2020. O plano de gestão tem um ponto de apoio e instrumento de fortalecimento das organizações é um guia de uso do território.

O Protocolo de Consulta foi criado para estabelecer critérios formais para garantir que os indígenas Munduruku e Apiaká do Planalto sejam consultados antes de serem afetados por qualquer empreendimento que possam colocar em risco a vida das famílias e a cultura de seu povo. Foram realizadas várias oficinas sobre os protocolos de consultas e em 18 de Janeiro de 2017, foi realizada uma assembleia com a presença da FUNAI e CPT para aprovação do resultado final para publicação pública do Protocolo de Consulta do povo Munduruku e Apiaká do Planalto.

### **3.2 Organização da Associação Indígena Sagrada Família da Aldeia Açaizal**

A organização indígena é uma forma pela qual comunidade indígena organiza seus trabalhos, sua luta e sua vida coletiva. (Santos, 2006, p. 61). A aldeia indígena de Açaizal passou ter uma associação formalmente fundada em 24 de agosto de 2007, com a função de defender os direitos do povo indígena da aldeia, representar em negociações internas e externas, promover a valorização da cultura e melhoria da qualidade de vida das famílias através de economia sustentável, e além de promover formação profissional para os indígenas.

A aldeia de Açaizal tem um contexto histórico que foi marcado por muito preconceito, por falas de que não tinha indígenas dentro da Aldeia. Isso a gente ouvia de alguns moradores que não acreditavam no grupo que iniciava a organização, e que começou a se articular para formalizar um documento e tornar legalmente registrado em cartório. Em 2000, esse grupo de pessoas era de dez pessoas e hoje temos uma associação com mais de 60 de associados, temos uma associação que representa nosso povo, resultado de uma luta constante das lideranças organizadas. Baniwa discorre em seu texto que “as lideranças indígenas costumam dizer que uma organização indígena é uma espécie de guardião ou de vigia dos direitos coletivos dos povos e comunidades indígenas”. (Luciano, 2006, p. 68.)

### **3.3 Organização Feminina Indígenas da Aldeia Açaizal No Planalto.**

Essa é uma organização que vem ocorrendo mundialmente, mulheres indígenas lutam com resistência pela garantia de autonomia e liberdade de

expressão. Seja enquanto mulher, mãe, guerreira e defensora dos direitos de mulheres. Estamos construindo um caminho que sabemos que não é fácil, e lutamos fortes e unidas na resistência da nossa existência. (Kumarudara, 2022, p. 87).

Dentre a diversidade de formas organizativas dos povos indígenas em diferentes regiões do Brasil, de professores, mulheres, estudantes, de uma ou várias comunidades locais, mais de 20 são de mulheres.

É na Amazônia Brasileira que estão situadas a maior parte das organizações femininas e apenas duas surgiram na década de 1980, caso da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e Associação das Mulheres de Taracá, Rio Uaupés e Tiquié (AMITRUT), todas as demais foram fundadas a partir de 1990. Além dessas outras organizações de mulheres passam assumir um papel mais significativo no movimento indígena: A Associação de Mulheres Indígenas Sateré Mawé (AMISM), a Organização de Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR) e os departamentos de Mulheres de Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (DMIRN)/FOIRN e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (DMIAB/COIAB), entre outras. (Sacchi, 2003, p. 96-97).

Na aldeia Açaizal sempre existiu um grupo de mulheres que esteve à frente de algumas atividades da comunidade, mesmo antes de ser uma aldeia indígena, sem ter uma associação registrada em cartório. Nós sempre fizemos partes dos eventos comemorativos, trabalhos comunitários, clubes de futebol, participamos e apoiamos na coordenação da igreja, alguma dessas mulheres faziam partes de vários cargos, inclusive eu. Essas mesmas mulheres também trabalham na roça, com artesanato, são educadoras, catequistas, pescadoras, benzedoras, fazemos de tudo um pouco. Não era um grupo isolado e sem apoio, mas a gente precisava de parceiros de outras organizações que pudessem nos ajudar no fortalecimento e amadurecimento das nossas ideias.

Os debates de empoderamento da sociedade feminina indígena tem sido amplamente apresentada no contexto sociopolítico, “as mulheres indígenas do Baixo Tapajós são historicamente aguerridas, desde a criação, em 1997, da primeira organização do movimento indígena na região, o Grupo Consciência Indígena, GCI,” (Kumarudara, 2022, p.72). A partir dessa organização, começamos ganhar forças e empoderamento, pois tinha algumas mulheres da nossa comunidade que faziam parte do movimento indígena, mas não era o suficiente para nós. A gente precisava participar de encontros de formação e

buscar conhecimento para fortalecer nosso grupo, e foi através de troca de experiência e compartilhamento com outras parentas que conseguimos nos organizar melhor.

O papel das mulheres indígenas está interligado, existe um debate entre os distintos grupos étnicos com os envolvimento organizados por mulheres “Como movimento, achamos importantes esses espaços de compartilhamento de experiência com outros povos que não são daqui do Brasil.” (Munduruku, 2021, p. 231). De certa forma ganhamos condições em ter resistência dentro do movimento e em meio a sociedade, construindo alianças com outros povos e mantendo a nossa luta, uma luta que se estende pelo mundo inteiro. “Construir e manter alianças é um ato muito importante para seguirmos na luta, que não são diferentes, o que diferencia o País, mas nossa luta é a mesma” (Munduruku, 2021, p. 231).

Atualmente nós mulheres indígenas temos uma participação social maior dentro e fora da aldeia, ganhamos um espaço onde podemos falar e reivindicar nossos direitos da forma que queremos, embora tudo isso esteja acontecendo foram através de muita luta, mobilização e organização. Essa luta se fortaleceu mais, quando mulheres que atuam no Cita e GCI, junto com outras lideranças do movimento indígenas se mobilizaram, em 2017, na aldeia Açaizal para ativar o departamento de mulheres.

Um grupo de mulheres indígenas do conselho tapajós e Arapiuns, (CITA), região do eixo forte (Alter do Chão), rio Maró, rio tapajós, município de Aveiro participaram, nos dias 3, 4 e 5 de setembro, da assembleia de mulheres na aldeia Açaizal. O evento realizado pelo departamento de mulheres indígenas do Baixo Tapajós, do cita, reuniu cerca de 100 pessoas entre mulheres indígenas e não indígenas, homens e crianças. A assembleia de mulheres objetivou a ampliação do debate sobre a atuação de mulheres nos espaços políticos, com foco na violência psicológica e de perseguição e criminalização de lideranças feminina. O evento pautou ainda sobre a demarcação de terras indígenas, sobretudo o pedido de um grupo de trabalho para Fundação Nacional dos índios (FUNAI), para demarcação da terra indígena munduruku e Apiak do Planalto Santareno. (Kumaruara, Luana, 2022, p. 02)

Essa assembleia além de fortalecer o departamento de mulheres, possibilitou vários encaminhamentos para educação, saúde e território, que são ameaçados pelas políticas públicas com grande retrocesso, nos processos de demarcação dos territórios e desvalorização dos remédios caseiros por uma

parcela da sociedade. Após a programação em plenária, seguimos com oficinas de remédios caseiros (pomada, xarope e garrafada) material de limpeza, confecção de artesanato com miçangas e outras matérias naturais, oficinas de pintura corporal (tinta de jenipapo e urucum). Além disso, houve uma discussão sobre políticas públicas e direitos da mulher, nos proporcionando um desempenho pessoal e empoderamento feminino.

Kumaruaara, discorre a sobre empoderamento feminino.

sempre que me perguntavam “como era o empoderamento das mulheres indígenas no meu povo?”. Eu respondia: “Elas são empoderadas inconscientes”. Vejo que, independentemente da busca de autonomia, as mulheres indígenas na região do Baixo Tapajós são capazes de tomar decisões, assumir as mesmas responsabilidades dos homens e conquistar esse lugar de fala. (Kumaruaara, 2022. p. 75)

Para nós mulheres indígenas empoderamento é lutar pelo nosso território, pela nossa autonomia, é ter um emprego uma saúde de qualidade, uma educação diferenciada é ter as mesmas responsabilidades dos homens é tomar nossas próprias decisões. “A defesa de seus territórios é o sentido maior da luta das mulheres indígenas” (2019, p.02.). Na minha aldeia é uma das maiores preocupações é preservar nosso território para que se mantenha nossa cultura viva, nossas plantas, nossos animais e manter afastado a contaminação dos agrotóxicos.

Os processos de organização na Amazônia Brasileira representam a busca pelo fortalecimento da participação política das mulheres indígenas. Os objetivos das organizações, como exposto, compreendem a promoção dos direitos dos povos indígenas e dos direitos das mulheres, a formação das mulheres (política, técnica e em diferentes áreas de conhecimento), a participação no movimento indígena amazônico e a garantia de representatividade feminina nas instâncias em que são discutidas as diferentes ações que afetam os povos indígenas. As mulheres indígenas organizadas, mesmo diante dos inúmeros desafios que enfrentam em seus processos de organização, mencionam os avanços incluídos no percurso como a ocorrência de diálogos fecundos com os líderes do movimento indígena e a maior participação nos espaços de discussão e implementação de políticas. (Sacchi, 2022, p. 170).

#### **4. ESTRATEGIA POLÍTICAS DAS MULHERES MUNDURUKU POR MEIO DAS OFICINAS DE REMÉDIOS TRADICIONAIS**

As primeiras etapas das oficinas foram realizadas em 2008 e vem acontecendo até nos dias de hoje. Foi naquele ano que algumas mulheres da

aldeia Açaizal começaram a participar de encontros de formação em outras aldeias e no centro de Emaús. Destaco aqui um diálogo que tivemos na escola com a dona Maria Sebastiana e Maria Elizia, professoras da língua materna e artesãs, moradoras da aldeia indígena de Açaizal, que receberam um convite do Frei Amarildo Mascarenhas para participar de uma oficina de remédios tradicionais na aldeia de Aminã.

Maria Sebastiana e Maria Elizia relatam que foi uma troca de conhecimento e experiência com outras mulheres indígenas, um momento de fortalecimento e aprendizado para nós e nossa aldeia, quando conseguimos aprender e compartilhar saberes que vem dos nossos antepassados. Além das donas Maria Sebastiana e Maria Elizia, outras mulheres passaram a se interessar em participar das oficinas de remédios caseiros, se tornando responsáveis pela manutenção e transmissão dos conhecimentos ancestrais, práticas rituais e dos saberes tradicionais.

Em março 2010, aconteceu a primeira oficina de remédios dentro da aldeia Açaizal. A primeira oficina teve a participação de várias aldeias: Território Munduruku do Planalto, Tapajós, Arapiuns, Aveiro, as aldeias Aminã, Novo Lugar, São José Três, Vila Franca, Anigalzinho, Pinhel e São Pedro, somando aproximadamente 70 pessoas.

Figura 4 – Remédios da primeira oficina março de 2010 da aldeia Açaizal



Fonte: Josenildo, garrafadas, pomadas etc.

Foto: Josenildo Santos da Cruz (2010)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Foto tirada pelo Josenildo Santos da Cruz, cacique da aldeia Açaizal do povo munduruku do planalto santareno em 2010.

Maria Sebastiana e Maria Elizia recordam que a participação das famílias do território Munduruku ainda era pouca, pois Açaizal foi a primeira aldeia da etnia Munduruku que começou o processo de organização e reconhecimento. Além das aldeias que estava presente, tivemos como parceiros o Conselho indígena Missionário (CIMI), que possibilitou o intercambio e conhecimento entre os parentes e parentas, e a presença do Frei Amarildo Mascarenhas com ensinamentos em Fitoterapia.

Após 2010, as oficinas foram acontecendo com mais frequência na aldeia Açaizal, aumentando a participação das mulheres, que saíram do individualismo e passaram a formar um grupo com conhecimentos mais desenvolvido e modernizado. Atualmente temos mulheres preparadas para ministrar oficinas de remédios caseiros, principalmente na conscientização do uso seguro com as plantas medicinais, informando sobre as interações e contradições. No desenvolvimento das oficinas de remédios tradicionais, destacam-se a criação de novos produtos e processos, como o desenvolvimento de embalagens novas, a busca por novas espécies de plantas e a formulação de produtos específicos para atender a diferentes necessidades.

Após vários encontros de formação, temos um grupo de mais de 30 mulheres que é coordenado por uma mulher Munduruku. Esse grupo é dedicado a promover e fazer oficinas de beiju, de remédios, participar de encontros de formação. São guerreiras que fazem parte de tudo que acontece na aldeia, e ao mesmo tempo fortalecem o uso das plantas e o conhecimento das práticas de saúde popular.

As mulheres não estão organizadas somente nas oficinas de remédios, também estão na linha de frente para defender o nosso território contra os ataques ambientais, desmatamento e invasão das terras. São guerreiras ativas em diversas áreas, na luta pelos direitos indígenas, pela proteção do território e na organização de movimentos sociais, participando de assembleias e procuramos encontrar soluções para os problemas enfrentados dentro e fora da aldeia. As mulheres também se reúnem constantemente em busca de sustentabilidade econômica, e a venda dos remédios caseiros está se tornando uma fonte de renda para muitas mulheres.

As mulheres que antes atuavam de maneira tímida passaram a criar uma unidade de proteção e compartilhamento de saberes tradicionais, uma visão de engajamento, encorajamento e organização comunitária. Hoje estamos presentes em várias atividades: professoras, catequistas, coordenadora, delegadas sindical, parteiras, pajés e benzedeiros. Assim foi se abrindo caminhos para construção de trajetórias políticas pela inserção nos espaços de decisão e direção.

#### **4.1 A economia que transita entre saberes ancestrais dos Munduruku:**

Temos algumas famílias que produzem os remédios caseiros para vender, e é uma fonte de renda que ajuda no sustento da família. Aproximadamente umas dez famílias costumam comercializar de forma contínua e individual os remédios caseiros, e algumas mulheres fazem só por encomenda. Existe uma procura com mais frequência nos remédios: Pomada Milagrosa, Garrafada e xarope.

- a) A Pomada Milagrosa popularmente conhecida pelos povos indígenas, compõe uma variedade de ervas medicinais com propriedades anti-inflamatórias, e analgésicas, em seus ingredientes inclui:
- Folhas de: Algodão Roxo; Mastruz; Sara tudo; Meracilina; Caapeba; Melhoral; Cana Mansa; Boldo do Chile; Manjeriço. Cipó; Alho; Cumaru; Noni; Capim Santo.
  - Cascas de: Mangueira, Jatobá, Sucuba, Taperebá, Verônica, Jucá, Murucí da Mata. Raiz de: Abota, Açaizeiro, Coirama, Chicória, Mangarataia. Sementes de: Gergelim, Lagrimas de Nossa Senhora, Jucá, Cumaru.
  - Banhas de: Galinha, Tartaruga, Jabuti, Onça, Anta, Sucuriju, Sebo de Carneiro, Sebo de Gado.
  - Óleos de: Andiroba, Copaíba, Gordura Vegetal, Vaselina líquida sem cheiro e canfora.

O uso tradicional da Pomada Milagrosa é para: Reumatismo, Febre, Dores Musculares, Baques, hematomas, Ferimentos, Nariz entupido, garganta inflamada, Assaduras etc. Como usar: Friccionar a pomada na pele até absorver bem, massageando em sentido horário, por meia hora, manhã, tarde e noite.

Figuras 5 e 6 - Pomadas milagrosas.



Fotos: arquivos pessoais Ana Cláudia Munduruku (2022)

b) A garrafada é para anemia, dor no pé da barriga e inflamação. Sua composição é: Polpa do fruto do Jenipapo, Casca; de Uxi Amarelo, Unha de Gato, Barbatimão Vermelho, Verônica Vermelha, Taxizeiro, Taperebazeiro, Jatobazeiro, Erva Cidreira, Erva Doce, Sementes de: Imbiriba, Jucá, Sucupira, Cumaru; Noni, Aroeira, Camomila, Moringa, Velame do Campo, Tansagem, Algodoeira, Copaíba, Canela em pó, Cravinho da Índia em pó, Guaraná em pó, Catuaba em Pó, Merapuama em Pó, Gengibre em Pó, Canela de Velho em pó, Graviola em pó, Cacau em pó, Saratudo, Açúcar Mascavo queimado, Mel de Abelha Jandaíra, Suco Integral de Uva e Pinga.

Uso Tradicional: menstruações irregulares, inflamações em geral e dos ovários, cólicas menstruais, dores reumáticas, ardor vaginal, candidíase, corrimento, limpa útero pós-parto e deixa pronto pra engravidar, fertilidade, bexiga baixa, regula sistema urinário, regula sistema nervoso, esgotamento físico, esgotamento mental, dificuldade de concentração, enxaquecas, tônico e calmante para o coração, anemias, fadiga, tônico cerebral e protege contra os radicais livres.

Modo de usar: tomar um copinho, 15 ml, meia hora antes do café, meia hora antes do almoço e meia hora após o jantar.

Figuras 7 e 8 – Garrafadas.



Fotos: arquivos pessoais Ana Cláudia Munduruku.

## c) Xarope Alfa de Cupim com Hortelã Roxo:

Composição: Cupinzeiro de mangueira, hortelãzinho roxo, mangará de banana roxa, hortelã pimenta, romã, limãozinho, manjericão roxo, mastruz, algodão roxo, gervão roxo, alfavaca, espinafre, vick, alho roxo, cebola roxa, casca de muruci da mata, casca de sucuba, casca de unha de gato, casca de ipê roxo, guia da goiabeira branca, rinchão, casca de taperebazeiro, seiva de jatobá, banha de galinha caipira, cumaru, açúcar mascavo queimado, pinga artesanal, própoles de abelha jandaíra, castanha de caju, vinho de maçã e mel de abelha jandaíra.

Uso Tradicional: Asma, bronquite, tosse, catarro no peito, cansaço no peito ou chiado no peito, pneumonia, tuberculose, resfriado e rouquidão, antitabagismo e combate os males causados pelo Novo Corona Virus.

Como Tomar: crianças; tomar 01 colher das de chá de 03 em 03 horas; adultos: Tomar 01 colher das de sopa de 06 em 06 horas.

Figura 9 – Xarope.



Foto: arquivo pessoal Ana Cláudia Munduruku.

Além dos produtos citados acima também produzimos, sabonetes íntimos, sabão líquido, sabão em barra. Também produzimos bebidas tarubá e caxiris de diversas frutas, beijus tanto da mandioca e da macaxeira, e artesanatos que são: brincos, colares, capa de palha para cadernos, vassouras, anéis, e uma variedades de produtos se tornaram fonte de renda para as famílias.

Os remédios caseiros da aldeia Açaizal são vendidos dentro da própria aldeia, nas aldeias vizinhas, comunidades quilombolas e outras cidades, então esses produtos se tornaram uma fonte de renda significativa para as famílias indígenas, não somente do Açaizal, mas em todo território do planalto. Esses conhecimentos são antes de tudo, muito bem aproveitados pelas pessoas que detêm, porque através desses conhecimentos produzem diversos produtos para o dia a dia, antes o que era comprado, hoje as pessoas produzem para o consumo e para comercialização tornando uma fonte de renda que ajuda na sustentabilidade das famílias indígenas.

Figuras 10 e 11 - Farmácia de remédios tradicionais Aldeia Açaizal.



Foto: arquivo pessoal Ana Cláudia Munduruku

## 5. CONCLUSÃO

Na aldeia indígena Açaizal, os saberes tradicionais são fundamentais para recuperar os hábitos dos nossos ancestrais, que muitos parentes estavam deixando adormecer. Para evitar a perda desses conhecimentos, as lideranças promovem ações de revitalização e regeneração, fortalecendo a transmissão para as novas gerações e valorizando a experiência dos mais velhos. As famílias participam da recuperação dessas práticas por meio de eventos culturais, oficinas de remédios e artesanato, além da criação de espaços de diálogo na aldeia.

As mulheres sempre estiveram na frente de muitas atividades do cotidiano, seja na participação das reuniões da escola, na associação da aldeia, ou no grupo de mulheres. Com a realização das oficinas, nós mulheres indígenas nos tornamos cada vez mais protagonista nas ações políticas dentro e fora da aldeia, assumindo responsabilidades na frente de vários compromissos. Em suma, nós mulheres Munduruku da aldeia Açaizal vivemos uma atuação diversificada, desempenhamos papéis como educadora, líder, guardiã de saberes, e ativas na produção de artesanato, agricultura, nas tomadas de decisões, abrangendo responsabilidades que vai do cuidado familiar a preservação da cultura e a participação política. Nós mulheres estamos ativas em todos os aspectos da vida da comunidade.

As oficinas foram um processo de continuidade, de aprendizado e fortalecimento para as famílias da aldeia, que sempre cultivou a prática da produção dos remédios caseiros, embora alguns remédios caseiros nós mulheres indígenas não tínhamos conhecimento como: Pomada Milagrosa, sabonete íntimo, e algumas pílulas para vermes. A realidade da produção dos remédios vem de geração em geração, mas não eram feitos no coletivo, e por meio das oficinas possibilitou o compartilhamento de conhecimentos que cada uma de nós mulheres indígenas conseguimos obter na troca de saberes com outras mulheres de diferentes Aldeias que estavam presentes na primeira oficina que tivemos.

Desse modo, as atividades descentralizaram os saberes e promovem cada vez mais ações solidárias. Atualmente temos algumas famílias que produzem os remédios caseiros para vender, na maioria das vezes essas mulheres fazem uma quantidade sobre encomendas, sendo que os remédios mais vendidos são: Garrafada, Pomada Milagrosa, e o Xarope. Com a vendas desses remédios essas mulheres conseguem seu próprio dinheiro para ajudar nas despesas da casa. Então, nossa identidade indígena tem um vínculo indissociável do conhecimento tradicional, que é imprescindível para o autorreconhecimento.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. R. M.; TORRES, I. C.. **Trajetória de Vida e de Trabalho de Mulheres Indígenas em Manaus/AM..** In: Iraídes Caldas Torres; Fabiane Vinente dos Santos. (Org.). *Intersecções de Gênero na Amazonia*. 1ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas - EDUA, 2011, v., p. 219-237.

ARAÚJO, Ana Valéria (Org.). **Povos Indígenas como e a Lei dos Brancos: o direito um diferença.** Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 212p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 3).

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil 2019. Para mulheres indígenas, empoderamento é lutar por seus territórios. Disponível em: <https://apiboficial.org/2019/08/15/para-mulheres-indigenas-empoderamento-e-lutar-por-seus>. Acesso em: 20/01/2025.

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro.** 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

Bénard Calva, Silvia Marcela (selección de textos), Luévano Martínez, María de la Luz (traductora), y Rodríguez Castro, Alejandro (traductor), “Autoetnografía: una metodología cualitativa,” Biblioteca Digital Juan Comas, consulta 10 de dezembro de 2024, <http://bdjc.iaa.unam.mx/items/show/148>.

CARDOSO, Luana da Silva. **Intitulada Kirimbawa: forte e valente articulação de mulheres indígenas do Baixo Tapajós, que aconteceu no dia 28 de janeiro de 2022 às 14h30, em ambiente virtual do PPGA/IFCH.**

COSTA, Gisele das Chagas; SOUZA, Regina Celeste de Almeida. **AGENDA 2030 E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL SOB A ÓTICA DO EMPODERAMENTO FEMININO INDÍGENA NO MÉDIO E SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO? BA.** *Revista de Desenvolvimento Econômico (Impresso)*, v. 3, p. 213-234, 2017.

KRENAK, Aírton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2º edição. São Paulo. Companhia das Letras, 05/07/2019.

KRENAK, Aírton. **“Reflexão sobre a saúde indígena e os desafios atuais em diálogo com a tese ‘Tem que ser do nosso jeito’: participação e protagonismo do movimento indígena na construção da política de saúde no Brasil”**, doi 10.1590/S0104 12902020200711, publicado no volume 29, no3 de 2020 da revista Saúde e Sociedade.

LEAL, L. A. M. . **MEMÓRIA, REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇA EM MAURICE HALBWACHS.** *Linguasagem (São Paulo)* , v. 18, p. 1-8, 2012.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: O que Você Precisa Saber sobre Os Povos Indígenas no Brasil Hoje,** de Gersem dos Santos Luciano.

Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes, volume 1. Brasília: Ministério de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 85-98171-57-3.

MUNDURUKU, Maria Leusa. **A vida de uma mulher Munduruku em defesa de seu povo e território.** Na Revista Vulcão do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Autónoma Benemérita de Puebla (BUAP), ano 2, n. 3, pág. 207-237, 2021.

PEREIRA, M. C.. **Entre a Comunidade e a cidade: Deslocamento e Trajetórias Sociais de Mulheres Indígenas nas Cidades na Cidade de Boa Vista/RR.** 2020.

SACCHI, Ângela. **Mulheres Indígenas e Participação Política:** a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. REVISTA ANTHROPOLOGICAL, v. 14, p. 105-120, 2003.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida (org). **Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiros:** os imprescindíveis sacerdotes do povo da Amazônia. Santarém: UFOPA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/1046> Acesso em: 14/04/2025.

## APÊNDICE

**Áudio1:** O olha vou falar aqui pra ti aqui Cláudia desde nossa saída do Nordeste nós saímos nesse tempo de do Ceará no dia 29 de Setembro, passemos quatro dias viajando com quarto noite, nesse tempo era difícil demais, hoje você saiu do Ceará dois dias já tava aqui no Pará aqui, mas no tempo que eu vim era dificuldade nem estrada não tinha parecia que só tinha um ramal, chegando aqui no dia 3 de Outubro de 83, 83 né 83, aí chegamos aqui na secretaria viemos de pé viágemos 6 quilômetro de pé pra aqui pra colônia chegamos na casa na casa onde meu pai morava na casa do Pedro Leite fomos morar junto passemos todo mundo era estranho e tudo ninguém conhecia nada aí passemos uns tempo morando com ele lá casa de meu pai que tinha vindo na frente com dois anos que tava na frente nos viemos atrás aí morar na casa do Pedro Leite, depois saímos da casa do Pedro Leite e fomos na casa do Juarez outro homem que tinha aqui no outro, não tinha nada nós não tinha onde morar eu trabalhava alugado pra cuidar de vocês, aí com uns tempo eu trabalhando conseguir trabalhar com patrão Darlan aí conseguir um dinheirinho comprei uma arinha de terra de 9 por 50 aí fui no mato tirei madeira fiz uma casinha tampei de cavaco, cavaco já velho quando tava chovendo agente se escondia casando um lugar pra não molhar nós tudim, aí não tinha nada trabalhava na diária por outros sofrim muito, aí no caso aí os moleque tudo com fome de noite não tinha nada pra janta eu pegava um terçado e uma lamparina saía pro garapé aí pegava matando peixe era lá no garapé lá eu cuidava quando chegava assim uma 11 hora da noite em casa chamava a mãe ela acordava e fazia comida aí todo mundo com fome acordava ela fazia e acabava comendo chamava todo mundo para jantar ,era moleque parecia tanta gente parecia um navio quando viaja pra fora pra Belém ou pro Rio de Janeiro pra Manaus, todo mundo alegre comendo aí passava o tempo foi passando as coisas foi melhorando um pouquinho aí depois tem uma mulher lá que mora lá chamava Osvaldo dona Neusa lá ela se eu limpasse o sítio dela morromeno uma hectare 4 tarefa só que eu trabalhava dois anos pra ela assim trabalhando todos os anos limpava o sítio pra ela comprar o material de uma casa pra mim uma casinha aí ela foi comprou 18 telhas e umas madeirazinha e eu fiz um barraco diferente melhorou aí no caso só, eu passei todos anos eu limpava o sítio dela de uma hectare ou mais, pra pagar esse material dela até eu conseguir pagar, aí melhorou um pouquinho nós trabalhava já, depois arrumei um patrão trabalhei na diária pra ele que o Darlan que mora aí que um fazendeiro, aí vocês tudo pequenim só tinha era barriga rrsrsrs sofrendo com fome, mais eu consegui, aí tá, aí o tempo foi passando aí fizemos essa casinha, melhorou sempre aí todo mundo era não conhecia ninguém saía todo desconfiado queria voltar mas não tinha mais como voltar porque não tinha dinheiro pá pagar passagem de novo chorava demais triste, aí com passar dos tempos eu fui tomando conhecimento com todo mundo aí foi indo já com um ano e pouco aí nós todo mundo já era conhecido parecia que nós tava no Nordeste de novo, aí o negócio mudou melhorou de situação mas sempre era uma escadinha lá em casa um atrás do outro uns oito filhos.

**Áudio 02:** Aí com passar do tempo Cláudia tu foi era mais velha que tinha em casa aí com 8,10 anos eu fazia, tu era maior que

tava aqui já ai nós fazia empreita pessoal, ai pá ganhar um trabalho ai tu, você era a mulher a menina e única que trabalhava comigo o moleque homem era pequeno ai eu pegava uma enxada você pegava outra nós ia trabalhar na empreita pra ganhar dinheiro, ai pedia mandioca dos outros pra fazer farinha de metade você quem torrava comigo, acho que você ainda lembra ainda, eu e você e sua mãe, foi um sofrimento muito grande nesse tempo você que, nós vinha de tarde, saia de madrugada pra mexer com a farinha e você era a principal que trabalhava comigo não tinha outro o moleque era pequeninim que era o homem, você que era a filha que nasceu primeiro que era a maior sofria comigo e ai nós torrava farinha e quando era de tarde trazia na cabeça trazia um pouco no ombro travessava o gapó um dia você até caiu na água eu pensei que tinha molhado a farinha mas você fez de tudo, até ficou com medo deu bater em você porque pensei que tinha molhado a farinha, nós travessava dentro do gapó era eu e ela e a mãe dela, foi a que sofreu mais trabalhando na diária pra cuidar dos outros irmãos dela, foi você mesmo essa que tá fazendo entrevista comigo, ai mais graças á Deus você se formou ai tempo passou ai pronto melhorou cem por cento não mais qualquer maneira a vista quando chegemo aqui melhorou mais um pouquinho mais foi um sofrimento mais muito nosso entre eu e você, você era a mulher que trabalhava comigo capinando o dia todim com pessoal fazendo empreita e você arrancando capim plantando milho e fazia o caralho a quatro rrsrs eu tinha até medo de você passar na minha frente era amais nova e trabalhava mais do que eu rrsrs.

**Áudio 03:** Não Cláudia como falei pra você ó quando nós chegemo fumo morar com papai na casa do Pedro Leite nós não tinha onde morar ai passemos uns tempo ai depois nós saimo papai saiu de lá também foi morar casa do Zé Boteco um cara que chamava Zé boteco ai papai foi pra lá, no caso eu fui morar em outro cara que chamava Juarez nós passemos mas ou menos dois ou três meses só e foi precisou da casa mandou nós sair de lá o que qui nós fizemo voltemo morar junto com papai de novo lá junto com esse Zé Boteco, saimo ele butou nós pra fora ele precisou da casa nós saimo de novo ai fomo morar com papai de novo com mesmo Zé Boteco que morava na beira da estrada, ai com passar dos tempo foi que nós moremo, fumo morar em outra casa, outro homem sem ser nossa, no caso ai nessa casa que era do Zé Boteco fumo conseguir, era o tempo que os menino mexia com malva aqui no Açaizal que era aqui no Açaizal na colonia ai nós ia trabalhar com malva eu e você, você era uma que ia tirar as sementes da malva e butar pra vender o quilo na cidade, eu tirava a semente dessa malva que você tirava semente pra vender eu cortava a malva e butava na água pra vender a fibra, vendia a semente e a malva que nós tirava butava na água passava uns dias amolecia a gente ia bater eu você e sua mãe era nós três, sempre era nós três trabalhando com malva nesse tempo, ainda não tinha nada, nós não conseguia as vezes o pessoal nem dava terra pra gente trabalhar porque todo mundo era fazendeiro só plantava capim, ai nós trabalhava na diária, eu, ai voltei a trabalhar na diária com sua mãe na casa da Maria do Horácio começava segunda feira até sexta feira e todo dia nós trazia coisa pra fazer almoço pra vocês e janta, ai quando chegava no final de semana nós ia prestar contas nós ficava devendo pra ela lá, eu trabalhava de segunda até sexta mas sua mãe e a diária que nós trabalhava com ela não dava de pagar o que nós tava devendo, ai nunca ganhemo nada, ai sai de lá

arrumei o trabalho na fazenda de um pião que o Darlan e dei uma de vaqueiro ai graças á Deus o negócio melhorou ai acabou o sofrimento mais ou menos, ai pronto, ai fizemo essa casinha como falei pra você, comprei esse terrenim 9 por 50 ai fiz esse barraquim de madeira e barro.

**Áudio 04:** Ei Cláudia tem mais uma ainda quando a sorte nossa também quando chegemo aqui passava o dia eu e você e sua mãe tirando açai no gapó, eu passava, levava uma merendinha levava, nós tomava água lá mesmo merendava e tomava água dentro do gapó mesmo tirando açai passava o dia todim, eu subia no açai você ficava carregando os cachos pra sua mãe dentro do gapó e nós desbulhava, ai no outro dia, o molequim como era pequeno, de tarde no outro dia como era linha eu levava pra cidade chegava em Santarém se tivesse dois caroço verde pelo meio o pessoal condenava, ai se levava oito lata eles condenava três ou duas, jogava fora e depois pegava de volta e se tivesse um caroço verde já era, ai não, comprava as coisinhas trazia pra cá e ai quando não tinha trabalho nós ia se virá no gapó tirando açai, você eu mais a sua mãe desbulhando o dia todim, carregava subia a rampa tudo era longe um do outro, o sofrimento nosso foi esse ai, você foi a principal que a única pessoa que ficou pra trabalhar comigo, você que era a mulher, não era o homem, trabalhava direto comigo, era arrancando capim era apanhando açai, tirando malva, fazendo uma coisa e outra, até que, e trabalhava apanhando pimenta aqui no Japonês, aqui a semana todinha, e o tempo foi passando, ai melhorou um pouco. (Entrevista realizada através de áudio pelo pai da pesquisadora no dia 11 de abril de 2025 por Valdo Pereira Carvalho, 2025).